

# ESTRATÉGIAS



## Conselho internacional

O Centro Internacional de Pesquisa do Hospital A. C. Camargo (Cipe) criou um conselho científico internacional para avaliar as pesquisas realizadas pela instituição. O comitê é composto por cientistas de cinco países, entre os quais o virologista alemão Harald zur Hausen, professor da Universidade de Heidelberg, que recebeu o Prêmio Nobel de Medicina por ter identificado a relação do papilomavírus (HPV) com o câncer. Os outros cientistas são Antônio Coutinho, que dirige o Instituto Pasteur, em Paris, Curtis Harris, diretor do National Cancer Institute dos Estados Unidos, Alan Ashworth, professor do Breakthrough Breast Cancer Research Centre do Reino Unido, Kai Simons, do Instituto de Biologia Molecular e

Genética do Max-Planck-Institut, na Alemanha, e Martin Raff, da McGill University, no Canadá, e da University College London, no Reino Unido. A criação do conselho foi uma das últimas iniciativas de Ricardo Brentani, que morreu em novembro de 2011, e era presidente da Fundação Antônio Prudente, que mantém o Hospital A. C. Camargo, e diretor-presidente do Conselho Técnico-Administrativo (CTA) da FAPESP. De acordo com Fernando Soares, coordenador de pesquisa do hospital, o primeiro parecer virá nos próximos três meses. "O comitê apresentará um relatório trazendo possíveis novas diretrizes", disse. A instituição é responsável por mais de 60% da pesquisa do câncer no país.

Harald zur Hausen, Nobel de Medicina, um dos conselheiros do Hospital A.C. Camargo

## Cooperação na área da saúde

A FAPESP e o laboratório Glaxo SmithKline-Brasil (GSK) lançaram chamada de propostas de pesquisas no âmbito de um acordo de cooperação assinado em 28 de fevereiro pelas instituições. O acordo prevê um aporte de até US\$ 600 mil, com valor máximo para cada projeto aprovado limitado a US\$ 200 mil, divididos em partes iguais por GSK e FAPESP, para apoio a pesquisas na área da saúde desenvolvidas no estado de São Paulo. As áreas prioritárias incluem temas como doenças respiratórias, metabólicas, infecciosas, inflamatórias e imunologia, além de doenças tropicais e negligenciadas e das chamadas doenças raras, que afetam um pequeno número de pessoas e cujas características são pouco conhecidas. Outros temas relevantes

para a saúde pública no Brasil, incluindo sua aplicação no desenvolvimento de novos medicamentos, também poderão ser objeto dos projetos. Estão aptos a apresentar projetos, até o dia 14 de maio, os pesquisadores vinculados a instituições de ensino superior e de pesquisa, públicas e privadas, no estado de São Paulo. A colaboração entre a FAPESP e a GSK Brasil integra o projeto "Trust in Science", iniciativa internacional da Glaxo SmithKline que prevê investimentos de R\$ 3 milhões em acordos de cooperação subsequentes com a FAPESP e também com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mais informações em [www.fapesp.br/acordos/gsk](http://www.fapesp.br/acordos/gsk).



## Divulgação científica na Amazônia

Desde setembro de 2011, a cada primeiro dia do mês, o jornal paraense *O Liberal* traz uma carga extrapreciosa em todos os seus aproximadamente 40 mil exemplares diários (que aos domingos sobem para mais de 70 mil): a revista de divulgação científica *Amazônia Viva*, resultado da persistência de um biólogo, Inocêncio Gorayeb, mais o trabalho de um jovem jornalista, Felipe Melo, a acolhida do grupo editorial Maiorama e o patrocínio da Vale. Recheada

com belíssimas fotos e texto acessível ao público leigo em ciência, a revista de 68 páginas, em formato maior que o padrão hoje usual e impressa em papel LWC, mais barato que o couchê, constitui uma agradável surpresa no panorama do jornalismo científico brasileiro. A rigor, ela é a tradução de um sonho de 20 anos de Gorayeb, pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, que por muito tempo perseguiu possíveis patrocinadores para sua ideia.

O encarte da revista em *O Liberal* fez com que ela pudesse chegar aos leitores sem nenhum desembolso adicional ao preço já normalmente pago pelo próprio jornal. O exemplo deve conquistar seguidores.

## Macacos não voam mais

Companhias aéreas cederam a uma campanha de entidades de defesa dos animais e deixaram de transportar os macacos que abastecem a pesquisa de laboratórios dos Estados Unidos e da Europa. Segundo a revista *Nature*, a companhia China Southern Airlines foi uma das últimas a capitular às pressões da organização Peta e deixou de transportar 80 primatas para o aeroporto de Los Angeles. O criador de animais Michael Hsu diz que os ativistas estão azedando o seu negócio – ele mantém uma colônia de macacos em Xangai e depende dos voos para transportá-los para clientes norte-americanos. Outras companhias aéreas, como a Lufthansa, a British Airways e a Virgin Atlantic, há tempos se recusam

a transportar animais para pesquisa. Tipu Aziz, professor de neurocirurgia na Universidade de Oxford, Reino Unido, acredita que o bloqueio ao transporte de animais não terá o efeito desejado. “Minha intuição é que mais e mais cientistas irão para outros países para fazer pesquisas com primatas”, diz ele, que usa macacos para estudar a doença de Parkinson.

*Amazônia Viva*: agradável surpresa no jornalismo científico brasileiro

Macaco cinomolgo, um dos primatas transportados para os Estados Unidos e Europa



## Homenagem inédita

O professor e pesquisador Edgar Dutra Zanotto, do Departamento de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), foi escolhido para receber o Prêmio George W. Morey, oferecido pela American Ceramic Society (ACerS). A homenagem reconhece as pesquisas mais relevantes no campo da ciência e tecnologia do vidro e, pela primeira vez, é concedida a um pesquisador latino-americano. No rol de homenageados também está Charles Kuen Kao, vencedor do Prêmio Nobel por seu trabalho com transmissão de luz em fibras ópticas. “É um prêmio para

pesquisadores com pelo menos 20 anos de carreira. Foi concedido pelo conjunto das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Materiais Vítreos (LaMaV) da UFSCar nas três últimas décadas”, contou Zanotto à *Agência FAPESP*. O pesquisador fundou o LaMaV em janeiro de 1977 e ainda hoje coordena o laboratório. Durante esse período, dedicou-se principalmente a estudar o processo de cristalização controlada dos vidros e suas propriedades e trabalhou no desenvolvimento de novos materiais vitrocerâmicos.